

**Conexões Verdes Urbanas:
A Proposta de um Parque Urbano como Estratégia de Resiliência e
Requalificação da Paisagem em Capim Macio, Natal-RN**

SESSÃO TEMÁTICA: DIMENSÃO BIOFÍSICA DO PROJETO, DO PLANEJAMENTO E DA
GESTÃO DA PAISAGEM

Cláudia Salviano da Fonseca
Aluna do Mestrado Profissional em Arquitetura Paisagística – FAU/UFRJ
E-mail: claudia.fonseca@fau.ufrj.br

Dra. Ana Rosa Oliveira
Professora do Mestrado Profissional em Arquitetura Paisagística – FAU/UFRJ
E-mail: anarosa@jbrj.gov.br

RESUMO

Este artigo propõe a criação de um parque urbano no bairro de Capim Macio, em Natal-RN, como uma estratégia para promover a conectividade ecológica, a resiliência climática e a qualificação do espaço público. A partir de uma revisão bibliográfica sobre conceitos da arquitetura paisagística contemporânea, o texto argumenta como a transformação de áreas verdes subutilizadas em parques urbanos pode ser uma estratégia inteligente para o desenvolvimento de cidades mais sustentáveis. Um diagnóstico de aspectos socioculturais e biofísicos da área de estudo é feito para subsidiar a construção de diretrizes de projetos. A proposta para Capim Macio serve como um estudo de caso de parque urbano em um contexto de iminência a eventos climáticos extremos, rápida urbanização e pressão imobiliária, característico de muitas cidades costeiras brasileiras.

PALAVRAS-CHAVE: parque urbano; arquitetura da paisagem; resiliência climática; Capim Macio; Natal.

ABSTRACT

This article proposes the creation of an urban park in the Capim Macio neighborhood of Natal-RN as a strategy to promote ecological connectivity, climate resilience, and the enhancement of public space. Drawing on a theoretical review of concepts from contemporary landscape architecture, the text argues how transforming underutilized green areas into urban parks can be a smart strategy for developing more sustainable and socially just cities. A diagnosis of the sociocultural and biophysical aspects of the study area is conducted to support the development of design guidelines. The proposal for Capim Macio serves as a case study of an urban park in a context marked by imminence of extreme weather events, rapid urbanization, and real estate pressure, characteristics typical of many Brazilian coastal cities.

KEYWORDS: urban park; landscape architecture; climate resilience; Capim Macio; Natal.

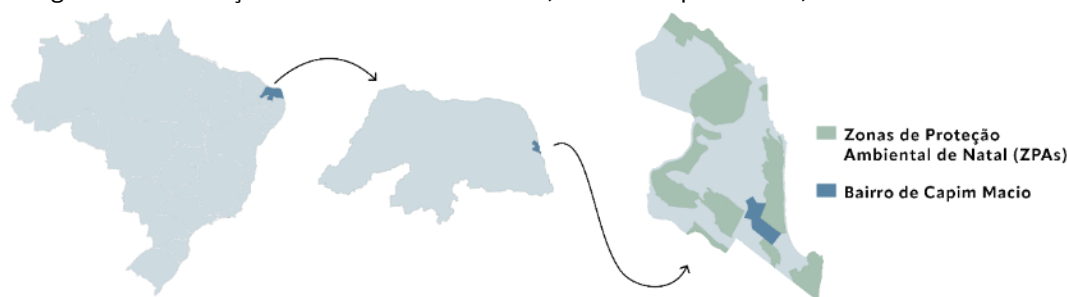
1 INTRODUÇÃO

A urbanização acelerada e as mudanças climáticas colocam as cidades tropicais costeiras diante de desafios simultâneos: aumento da impermeabilização do solo, perda de biodiversidade, formação de ilhas de calor e vulnerabilidade a eventos climáticos extremos. Nesse contexto, parques urbanos e infraestruturas verdes emergem como estratégias centrais para promover resiliência socioecológica, mitigar riscos climáticos e melhorar a qualidade de vida urbana (ELMQVIST et al., 2019; UNESCO, 2021).

No Brasil, mais de 87% da população vive em áreas urbanas (IBGE, 2022), e as cidades do Nordeste destacam-se pela rápida expansão imobiliária associada ao turismo e pela fragilidade de seus ecossistemas costeiros (dunas, restingas e lagoas). Natal, capital do Estado do Rio Grande do Norte, experimentou, a partir dos anos 2000, forte processo de verticalização e “turismo imobiliário” (VIEGAS, 2018), que intensificou a fragmentação de suas áreas naturais e a pressão sobre os remanescentes de vegetação nativa.

Cerca de 37% do território de Natal corresponde a Zonas de Proteção Ambiental (ZPAs), segundo o Departamento de Geoinformação e Pesquisa da SEMURB (fig. 1). O Plano Diretor de Natal institui 10 ZPAs, regulamentadas pela Lei Complementar nº 261/2025. Na revisão mais recente, o Plano Diretor incorporou metas de adaptação e mitigação às mudanças climáticas (art. 4º, inciso XXI) e prevê dois instrumentos: o Plano Municipal de Mitigação e Adaptação às Mudanças Climáticas e o Plano de Espaços Livres e Áreas Verdes, ambos em consulta pública (2025).

Figura 1: Localização do Rio Grande do Norte, Natal e Capim Macio, destacando as ZPAs.



Fonte: Elaboração de Cláudia Salviano da Fonseca (2025), com base cartográfica do IBGE.

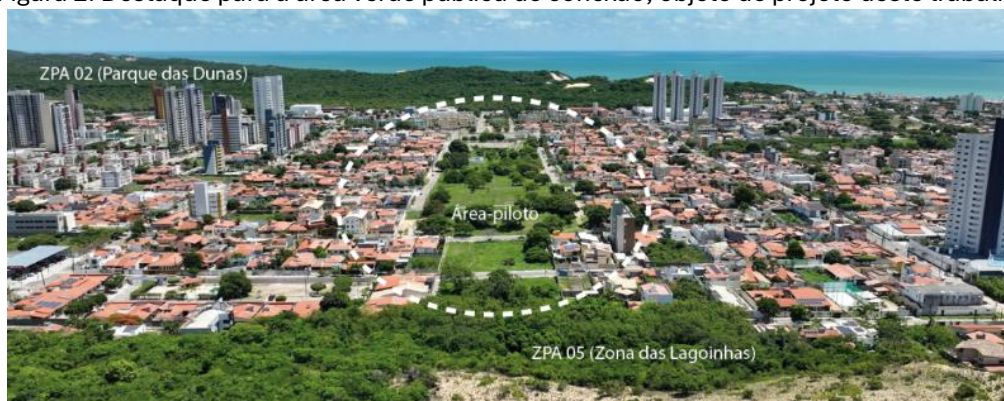
Apesar desse arcabouço, faltam conexões verdes efetivas entre as ZPAs e infraestrutura de uso público em áreas verdes remanescentes, o que reduz seu potencial ecológico e social. Em Capim Macio, bairro da Zona Sul da cidade de Natal-RN, há espaços livres com vegetação, incluindo uma área verde de mais de 7 ha cuja inserção na malha urbana conecta as ZPAs 02 (Parque das Dunas) e 05 (Região da Lagoinha). Essa área-piloto (Fig. 2) se apresenta como um espaço livre articulador do loteamento e será tomada como alvo do estudo desenvolvido neste artigo.

Sendo assim, o artigo reflete uma alternativa para a qualificação da paisagem urbana de Capim Macio por meio de um projeto de parque urbano, proposto com a finalidade de articular valores ambientais, sociais e estéticos. Buscou-se: (i) fundamentar teoricamente uma proposta de parque urbano a luz de princípios e conceitos da arquitetura paisagística contemporânea; (ii) caracterizar os atributos biofísicos e socioculturais do bairro de Capim Macio, em Natal-RN e sua relação com as ZPAs adjacentes; (iii) propor diretrizes para a

criação de um parque urbano; e (iv) desenvolver estudos iniciais de projeto de um parque urbano fundamentado nas reflexões anteriores.

A relevância do trabalho está em discutir uma possibilidade de intervenção que transforme a atual área verde subutilizada do bairro em um elemento estruturador de resiliência climática local, alinhando-se aos instrumentos em elaboração pelo município. Ao propor a ativação pública e a requalificação ecológica de um espaço estratégico, o projeto busca não apenas conservar fragmentos de ecossistemas de restinga e dunas, mas também reforçar a coesão social e a identidade territorial do bairro.

Figura 2: Destaque para a área verde pública de conexão, objeto de projeto deste trabalho



Fonte: Acervo Cláudia Salviano da Fonseca (2025).

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A Convenção Europeia da Paisagem de 2000 compreende a paisagem como “uma parte do território tal como percebida pelas populações, cujo caráter resulta da ação de fatores naturais e/ou humanos e de suas inter-relações” (CONVENÇÃO, 2000). O documento supera a dicotomia tradicional proteção/transformação e propõe estratégias de gestão integradas, que incorporem a paisagem em todas as políticas territoriais e renovem as categorias de análise e ordenamento (OLIVEIRA, 2015).

Ian McHarg em *Design with Nature* (1969), por meio da análise e sobreposição de cartografia temática (geologia, hidrologia, solos, vegetação, usos sociais, entre outras), McHarg estabeleceu critérios para ocupação e conservação de territórios urbanos, posicionando a paisagem como matriz organizadora do território (MCHARG, 1969).

Anne W. Spirn em *The Granite Garden* (1984), resgata a noção da infraestrutura urbana de Frederick Law Olmsted e a atualiza à luz das necessidades contemporâneas. Ela afirma que Olmsted, em seus projetos, antecipou a concepção de uma cidade como sistema integrado, ao planejar espaços públicos que articulassem solo, água, vegetação e uso humano de forma sinérgica (SPIRN, 1984).

No contexto brasileiro, Raquel Tardin (2008) propõe os Sistemas de Espaços Livres como estratégia para garantir continuidade e conectividade ecológica no território urbanizado. A autora reforça a leitura territorial da paisagem (bacias hidrográficas, biodiversidade, usos sociais) e defende a implementação de parques lineares, corredores ecológicos e redes verdes, rejeitando tanto o “protecionismo rígido” quanto o “desenvolvimentismo

predatório”. Para Tardin (2008), a “sutura” entre ocupação e espaços livres permite criar lugares de diversidade e apropriação cultural.

A valorização de áreas marginais, abandonadas ou subutilizadas dentro do tecido urbano ganhou força com o conceito de “terceira paisagem” de Gilles Clément (2004), definido como refúgios de diversidade biológica e espaços intersticiais que devem ser incorporados ao projeto como utilidade pública. No mesmo sentido, Alan Berger (2006) cunhou o termo *drosscape* para designar paisagens de resíduos pós-industriais, defendendo seu potencial latente de regeneração urbana. Samuel Depraz (2012) complementa essa ideia propondo uma “ecologia da reconciliação” que aceite a integração de atividades humanas e valorize a dinâmica ecológica em áreas degradadas.

Na ciência da ecologia da paisagem, Richard T.T. Forman (1995) estruturou os conceitos de manchas, corredores e matriz como elementos fundamentais no território para assegurar conectividade e fluxo de organismos em ambientes fragmentados. Benedict e McMahon (2006) seguem com a definição de infraestrutura verde como rede interconectada de *hubs* (matrizes) e *links* (corredores), capaz de preservar serviços ecossistêmicos e oferecer espaços recreativos às comunidades.

Neste sentido, Kongjian Yu (2006) avança ao propor as “cidades-esponjas”, nas quais o desenho paisagístico substitui infraestruturas cinza por sistemas naturais de captação, infiltração e armazenamento de águas pluviais, transformando a paisagem em uma infraestrutura viva de gestão hídrica.

Finalmente, a concepção contemporânea de parque urbano transcende a ideia de jardim contemplativo. Jacqueline Osty, em sua abordagem à “cenografia dos prazeres urbanos”, defende que o planejamento da paisagem deve ser capaz de criar conexões e proporcionar sensações aos usuários, incorporando a dimensão cultural e estética da ecologia para criar cidades que acolham a biodiversidade e promovam o bem-estar (MASBOUNGI, 2020). Bernard Tschumi (2011) afirma que o parque deve funcionar como plataforma para a diversidade e o dinamismo da vida urbana, integrando-se plenamente à cidade. O sociólogo Richard Sennett, no seu ensaio “*The public realm*” (2008), reforça que o espaço público ideal não é um lugar estático ou rigidamente planejado, mas sim um ambiente flexível e em constante evolução. Sennett contrasta a rigidez dos “sistemas fechados”, que segregam funções e populações, com a vitalidade dos “sistemas abertos”.

Essa trajetória teórica, da abordagem ecológica à valorização de paisagens marginais e à concepção de parques como infraestruturas vivas e plataformas socioculturais, sustenta a proposta deste trabalho de transformar uma área verde remanescente e subutilizada do bairro de Capim Macio, em Natal-RN, em parque urbano que articule resiliência climática, conectividade ecológica e usufruto público.

3 ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS

Este trabalho adota uma abordagem qualitativa, de natureza exploratória e descritiva, orientada ao desenvolvimento de um projeto de arquitetura paisagística sensível ao contexto local do bairro de Capim Macio, em Natal-RN. A pesquisa combina revisão teórica, levantamento de dados, diagnóstico da paisagem, elaboração de diretrizes e, por fim a proposição projetual.

Inicia-se com uma revisão bibliográfica dos conceitos-chave que sustentam o estudo, abrangendo a definição de paisagem da Convenção Europeia da Paisagem, o conceito de

“Terceira Paisagem” (CLÉMENT, 2004), o sistema e o projeto dos espaços livres (TARDIN, 2008), a infraestrutura verde (BENEDICT e MCMAHON, 2006), as cidades-esponja (YU, 2006) e as concepções contemporâneas de espaço público e parque urbano (SENNETT, 2008; TSCHUMI, 2011; JACQUELINE, 2020).

O levantamento de dados compreende análise de cartografia e documentação, com especial atenção ao Plano Diretor de Natal de 2022, com a finalidade de estabelecer uma leitura sistêmica dos espaços livres e uma contextualização urbana geral da cidade e do bairro Capim Macio. Essa análise é complementada por trabalhos de campo que incluem observação direta, registros fotográficos através de drone e mapeamento *in loco*.

Com base nos diagnósticos realizados, por fim, estabelece-se diretrizes gerais de intervenção na paisagem e desenvolve-se o projeto de parque urbano para a área-piloto situada no bairro Capim Macio. A proposta é representada por meio de plantas, diagramas e perspectivas, utilizando softwares como AutoCAD, SketchUp, QGIS e Adobe Illustrator.

Essa estratégia metodológica, ao articular fundamentação teórica, diagnóstico contextual e criação projetual, permite construir uma intervenção que seja ao mesmo tempo embasada e conectada às especificidades biofísicas e socioculturais do lugar.

4 RESULTADOS

Para entender as dinâmicas do bairro Capim Macio, dentro de circunstâncias e relações próprias que definem sua paisagem, fez-se uma análise de seus atributos socioculturais e biofísicos. Partindo da compreensão dos espaços livres existentes e da necessidade de conexão que deve haver entre eles, será tomada a área-piloto (destacada anteriormente na Figura 2) como o alvo de discussão de projeto de parque urbano, na seção seguinte.

Os dados a seguir foram coletados a partir de pesquisas e levantamento de documentação na Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo da cidade de Natal-RN (SEMURB), IBGE, INPE e Instituto de Desenvolvimento Sustentável e Meio Ambiente do RN (IDEMA), fazendo uso de softwares de SIG, como QGIS e Google Earth. Outras informações foram levantadas *in loco*.

4.1 Aspectos socioculturais de Capim Macio

O nome do bairro de Capim Macio, em Natal-RN, segundo Souza (2008), “vem da própria vegetação da planície onde se expandiu o casario do bairro”. Situado na zona sul da cidade, esse bairro foi inicialmente ocupado com granjas e sítios (VIEGAS, 2018). Antes da década de 1970, sua área interligava a região urbanizada da cidade (bairro de Lagoa Nova) e a Vila de Pescadores da praia de Ponta Negra.

Atualmente consolidado como bairro residencial, Capim Macio enfrenta pressões imobiliárias com seu processo de verticalização. O bairro abriga uma população de 22.358 habitantes, com uma densidade demográfica de 51,58 hab/ha e uma média de 1,9 moradores por domicílio. Sua população é, em sua maioria, feminina (55%) e se concentra nas faixas etárias de 30 a 69 anos (IBGE, 2022). Em 2010, parcela significativa da população do bairro possuía renda per capita entre 3 e 10 salários mínimos (IBGE, 2010).

O uso do solo do bairro é predominantemente residencial, com suas vias estruturais concentrando atividades de comércio, serviços e instituições de ensino. O bairro é provido

de uma série de equipamentos urbanos, como praças/áreas verdes, lagoas de captação de águas pluviais, quadras poliesportivas e unidades de saúde.

A principal via do bairro é a Av. Engenheiro Roberto Freire. Ela faz a ligação do restante da cidade de Natal com as praias do litoral sul. A abertura dessa via foi o principal catalisador para o desenvolvimento da região dos bairros de Ponta Negra e Capim Macio (VIEGAS, 2018). Vias coletoras e locais distribuem-se nas regiões internas onde predomina o entorno residencial do bairro (figura 3).

Figura 3: Mapa de Capim Macio em perspectiva - destaques para ZPAs e Av. Eng. Roberto Freire



Fonte: Elaboração de Cláudia Salviano da Fonseca (2025), a partir da base cartográfica do Google.

As principais linhas de transporte público circulam predominantemente à margem dos limites do bairro e nas vias estruturais que o cortam, cruzando em poucos pontos as áreas mais internas. A infraestrutura cicloviária também é limitada a poucos caminhos, embora as vias internas tenham potencial para a prática do ciclismo, uma vez que o trânsito é mais leve e boa parcela das vias locais apresentam pelo menos 8 metros de largura.

Atualmente o principal índice para a determinação do adensamento populacional de uma área de Natal é o coeficiente de aproveitamento das bacias de esgotamento sanitário da cidade. Embora haja uma série de parâmetros que definam a taxa de ocupação de uma determinada área em Natal, a capacidade da bacia de esgotamento sanitário é o fator que predomina sobre os demais. O coeficiente para adensamento do bairro de Capim Macio, conforme Plano Diretor revisado em 2022, é 5, porém a bacia de esgotamento sanitário só permite um índice de 2,5 (NATAL, 2022). Antes de 2022, o índice era 1,2. Este fato reforça a vocação do bairro para a verticalização.

4.2 Aspectos biofísicos de Capim Macio

Natal é caracterizada pelo clima tropical litorâneo úmido, com temperatura média de 26,95°C e índice de precipitação acumulada em torno de 1.940 mm (NATAL, 2022). O período chuvoso ocorre entre abril e agosto; o período seco, entre setembro e março. A massa tropical atlântica é o principal fator regulador climático (MOTTA, 2004). A geologia local é composta por terrenos sedimentares do grupo barreiras, dunas e praias (SEMURB, 2010).

A área do bairro de Capim Macio encontra-se entre a ZPA 02 (Parque das Dunas), que tem uma vegetação de restinga arbustiva e arbórea e fica à margem do Oceano Atlântico, e a

ZPA 05 (ecossistema de dunas fixas e lagoas do bairro de Ponta Negra), caracterizada pela presença de vegetação de restinga arbustiva. A região é formada por solos sedimentares, com tabuleiros costeiros, bem como planícies costeiras e lacustres. O bairro está próximo à praia de Ponta Negra e é protegido pelo sistema dunar da ZPA 02 (figura 4a).

Capim Macio está distante dos rios que cruzam a cidade, mas faz limite com a ZPA 05, conhecida também como a Região da Lagoinha. Nessa região, é possível encontrar lagoas naturais intermitentes (figura 4b). Além disso, o bairro contém quatro bacias de captação de águas pluviais, como infraestrutura de drenagem urbana.

Figura 4: Imagens aéreas do sistema dunar da ZPA 02 (a) e as lagoas intermitentes da ZPA 05 (b)



Fonte: Acervo Cláudia Salviano da Fonseca, 2025.

A configuração espacial do bairro a partir do loteamento de suas grandes glebas promoveu a manutenção de algumas áreas verdes no seu tecido urbano (VIEGAS, 2018). Embora, há muitas décadas, já tivessem deixado de ser, provavelmente, área de restinga para dar lugar a atividades agropecuárias (granjas), esses espaços hoje podem ser vistos como de grande potencial para um Sistema de Espaços Livres e suas conexões verdes.

5.1 Diretrizes para o planejamento da paisagem do parque urbano

O desenho do parque deve incorporar as seguintes diretrizes:

Quanto à acessibilidade e à infraestrutura verde: (i) Conectar o parque ao tecido urbano por meio de redes caminháveis, priorizando vias calmas, arborizadas e acessíveis; (ii) ampliar a infraestrutura pedonal existente, promovendo acessos seguros e integração com as áreas verdes; (iii) promover soluções de infraestrutura verde para drenagem urbana; (iv) transpor vias com soluções que promovam conectividade para pessoas e animais.

Quanto aos usos e às funções sociais: (i) criar espaços multifuncionais e flexíveis, que atendam a diferentes faixas etárias e interesses; (ii) implantar espaços esportivos integrados à paisagem, com vegetação para sombreamento; (iii) proporcionar conforto ambiental, visibilidade e segurança; (iv) reforçar o papel social do parque como ponto de encontro, valorizando práticas cotidianas de lazer, recreação e atividades culturais.

Quanto à estrutura ecológica e à conectividade: (i) promover a conexão ecológica entre as ZPA 02 e 05, com espécies de restinga arbustiva e arbórea; (ii) priorizar a conservação e a requalificação dos elementos naturais existentes, integrando-os ao sistema paisagístico do parque; (iii) valorizar áreas de transição, regeneração e biodiversidade espontânea como parte do sistema do parque.

Quanto às resiliências ambiental e climática: (i) utilizar o parque como mecanismo de adaptação climática, promovendo a redução de ilhas de calor, bem como o sombreamento e a drenagem natural de águas pluviais; (ii) incorporar espécies resistentes ao clima local, ao regime de chuvas, às condições edáficas e à sazonalidade da região; (iii) trabalhar com a topografia para organizar zonas de uso e drenagem.

Quanto à identidade local e à integração cultural: (i) valorizar a cultura e a relação da população com o território; (ii) incentivar a permeabilidade visual entre os espaços privado e público, promovendo visibilidade e segurança; (iii) criar sinalética de educação ambiental e cultural, informando sobre a vegetação nativa, a história do bairro e o papel das ZPAs.

5.2 O estudo preliminar de projeto de parque urbano para Capim Macio

A área-piloto em questão é um grande Espaço Livre (EL) articulador de áreas verdes âncoras (ZPAs) no tecido urbano do bairro de Capim Macio. A proposta visa elevá-lo a um parque urbano, diferenciando-o pela sua multifuncionalidade (ecológica, hidrológica, social), tornando a paisagem do lugar em uma infraestrutura verde viva e ativa.

A área-piloto, atualmente, é cortada por uma série de vias; ainda assim, a ausência de calçada para pedestres predomina em sua maior parte. Nessa área, localizam-se uma estação elevatória de esgoto, duas lagoas de captação de águas pluviais de concreto, uma quadra poliesportiva, quiosques e uma área de estacionamento. A arborização é incipiente, apresentando, predominantemente, mangueiras (*Mangifera indica*), nins (*Azadirachta indica*), cajueiros (*Anacardium occidentale*) e leucena (*Leucaena leucocephala*) (figura 5a).

O partido paisagístico, inspirado numa ecologia de reconciliação, adotou a criação de diferentes camadas de fluxos e usos que, sobrepostos, definiram toda a disposição do parque projetado. O partido priorizou a promoção do uso mais ativo do espaço por parte da população, criando fluxos para pedestres e locais para atividades sociais diversas (a busca pela superação da dicotomia tradicional proteção/transformação); o aumento de superfícies drenantes, buscando uma paisagem resiliente a eventos climáticos extremos (o conceito de “cidade-esponja”); a efetivação de um corredor verde que interliga duas grandes zonas de reservas ambientais da cidade (a paisagem como infraestrutura verde); a valorização da paisagem outrora tida como esquecida, não planejada, ou residual, como refúgio de biodiversidade (a terceira paisagem).

Para isso, a proposta de parque urbano teve os seguintes norteadores: aumento da área permeável, excluindo algumas vias e incorporando suas áreas ao parque; criação de passeios para pedestres, promovendo conexões de norte a sul e leste a oeste e de bolsões de áreas alagáveis mais naturalizadas ao longo de todo o parque, em substituição às lagoas de concreto; arborização planejada e contínua para permitir conexões ecológicas para a flora e a fauna nativas, bem como sombreamento de caminhos e áreas de permanência; incentivo ao convívio de novas espécies arbóreas nativas a serem plantadas com outras espécies existentes no local já adaptadas e bem desenvolvidas; e criação de áreas com programa de necessidades aberto e flexível, voltadas para atividades diversas (Figura 5b).

Para a implantação desse parque urbano, faz-se necessário haver diálogo entre poder público e população local, mediante a promoção de audiências públicas com apresentação da proposta e suas justificativas, para que possam ser ouvidas opiniões e sugestões. Sua execução pode ser dividida em etapas, de modo a não prejudicar a dinâmica local. Para a gestão, sugere-se que seja incorporado ao já existente Parque das Dunas (ZPA 02), que é gerido por órgão do governo estadual.

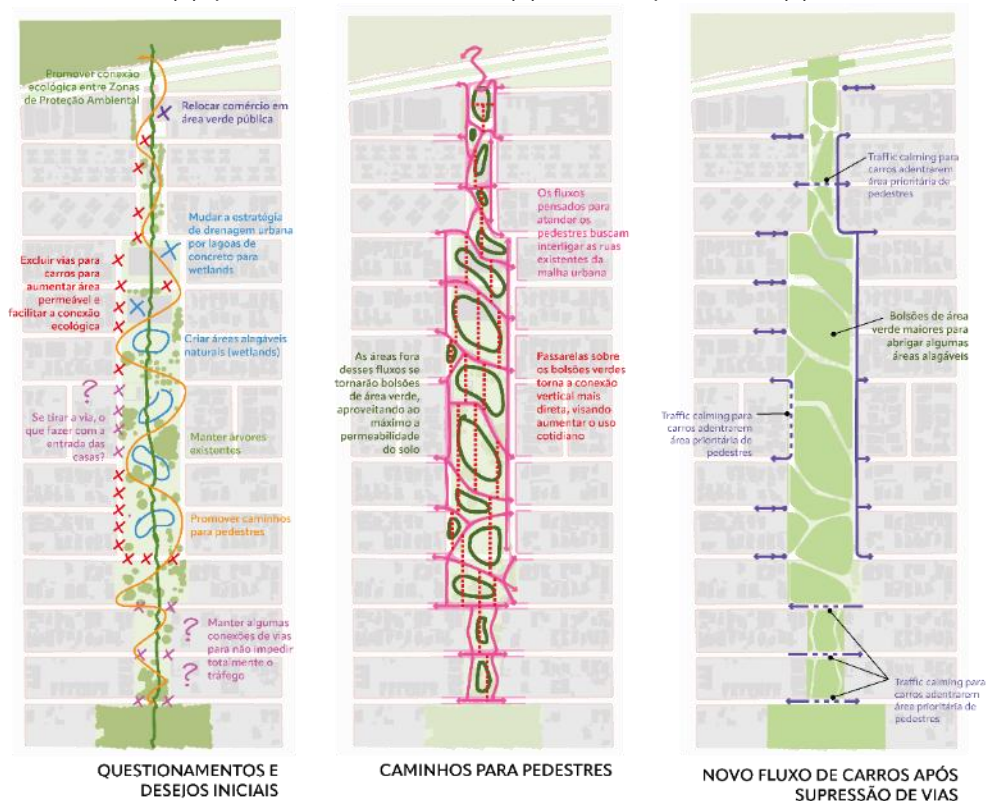
Figura 5: (a) Situação atual x (b) proposta de implantação do projeto de parque urbano



Fonte: Elaborado por Cláudia Salviano da Fonseca, 2026.

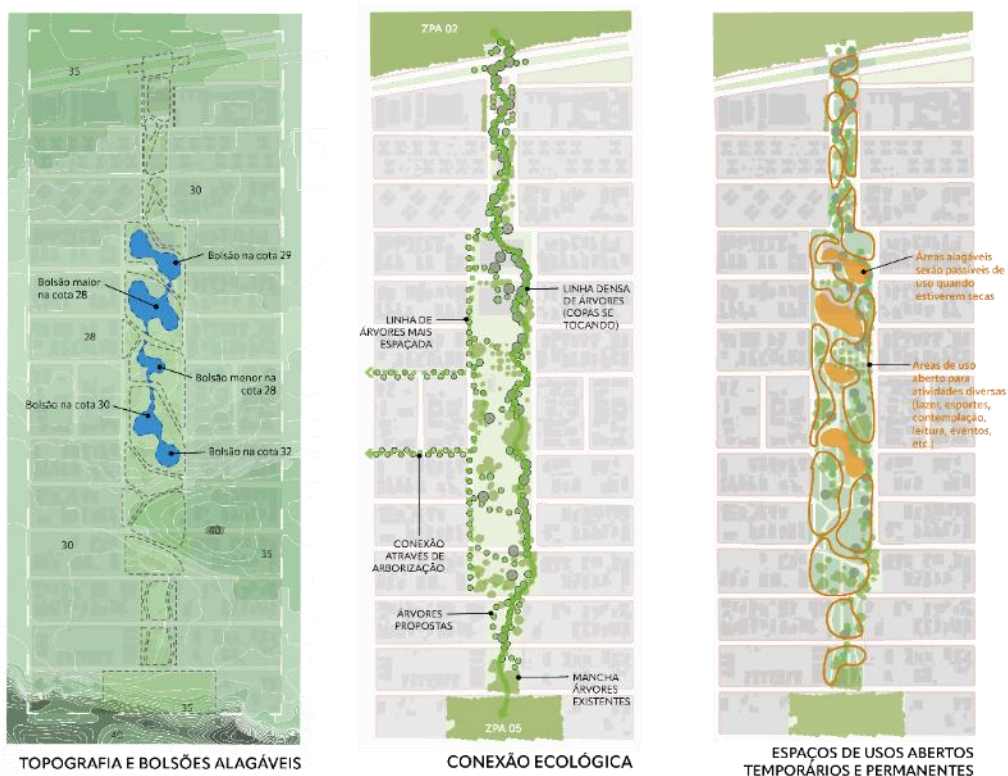
Os diagramas abaixo (Figuras 6 e 7) mostram como se construiu esse passo a passo. Com as primeiras questões representadas em planta baixa (Figura 6a), buscou-se traçar os fluxos de pedestres, criando calçadas ora mais largas, ora mais estreitas, promovendo caminhos tanto de norte a sul como de leste a oeste (Figura 6b). O desejo de fechar algumas vias para carros fez repensar a configuração e o funcionamento das vias com estratégias de traffic calming para alguns cruzamentos que precisavam ser mantidos (Figura 6c).

Figura 6: Estudos: (a) questionamentos iniciais; (b) fluxos de pedestres; (c) fluxos de carros



Fonte: Elaborado por Cláudia Salviano da Fonseca, 2026.

Figura 7: Estudos: (a) topografia e áreas alagáveis; (b) conexão ecológica; (c) espaços de uso

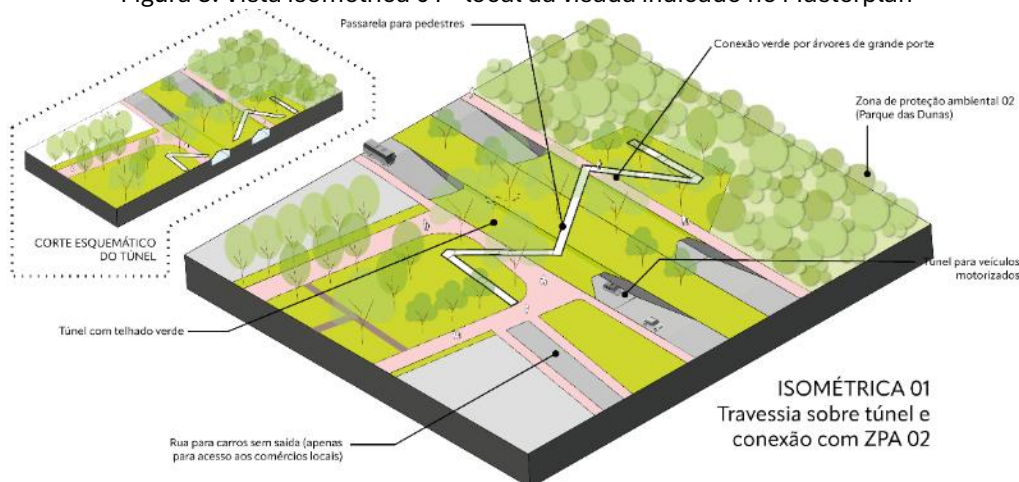


Fonte: Elaborado por Cláudia Salviano da Fonseca, 2026.

Em seguida (Figura 7), o estudo da topografia viabilizou a configuração desejada para os bolsões alagáveis (*wetlands*). Para a arborização, pensou-se em um alinhamento mais denso no sentido entre ZPAs e outras áreas com linhas de árvores mais espaçadas, permitindo um sombreamento, mas também a existência de clareiras. Por fim, com todas essas camadas organizadas, delinearão-se algumas áreas passíveis de receber atividades diversas para uso público, estando incluídas nelas também as *wetlands*, que, em períodos não chuvosos, estarão secas e propícias para diferentes usos, tais como atividades esportivas, descanso, atividades culturais e recreação.

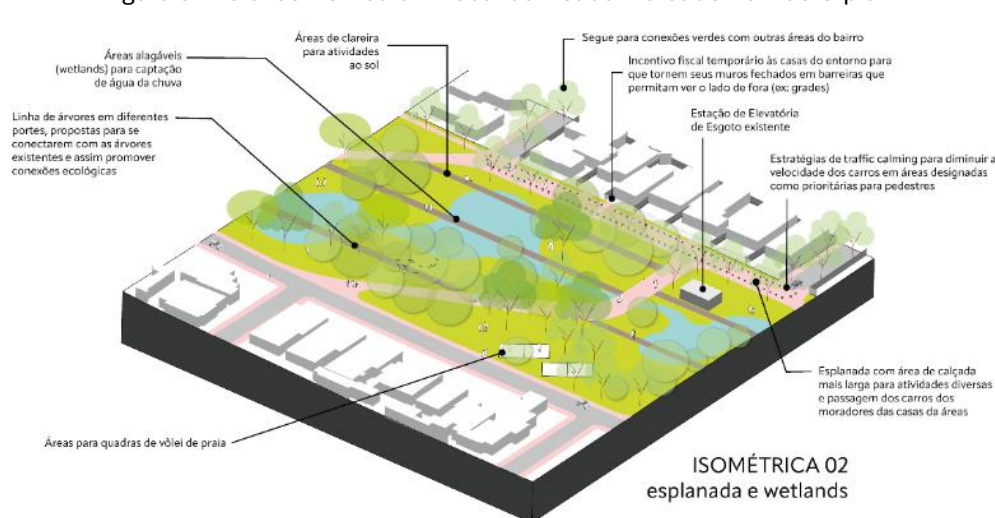
Três áreas de destaque foram desenvolvidas em imagens isométricas a fim de demonstrar a solução para algumas ideias mais complexas do projeto, tais como: a travessia do verde (ecoduto ou ponte verde) sobre a Av. Roberto Freire por meio da criação de túnel e passarela (Figura 8); a construção de uma esplanada com estratégias de traffic calming para permitir a entrada de carros a algumas casas que tem suas frentes e acessos voltados para o parque proposto (Figura 9); e uma demonstração dos cruzamentos de carros por dentro da área do parque, também se utilizando de estratégias de traffic calming (Figura 10).

Figura 8: Vista isométrica 01 - local da visada indicado no Masterplan



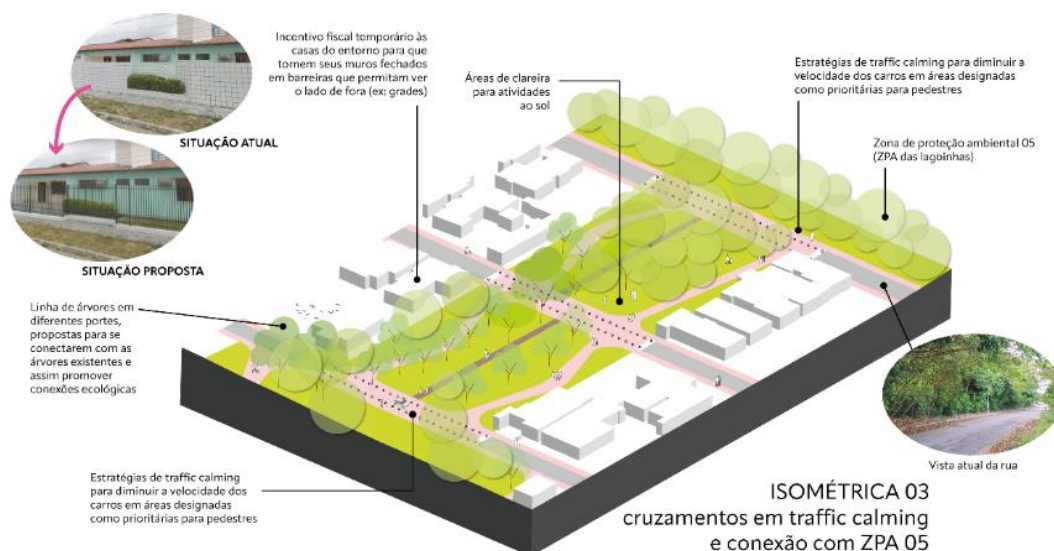
Fonte: Elaborado por Cláudia Salviano da Fonseca, 2026.

Figura 9: Vista isométrica 02 - local da visada indicado no Masterplan



Fonte: Elaborado por Cláudia Salviano da Fonseca, 2026.

Figura 10: Vista isométrica 03 - local da visada indicado no Masterplan



Fonte: Elaborado por Cláudia Salviano da Fonseca, 2026.

Por fim, para tratar de questões de segurança, o projeto também propõe que os proprietários de casas do entorno sejam encorajados, mediante isenções fiscais, a construir muros mais permeáveis, que promovam a visibilidade entre as áreas interna e externa do lote privado, aumentando assim a sensação de vigilância local dentro do espaço urbano.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta de um parque urbano em Capim Macio, embora focada em uma escala local, aponta para uma questão fundamental ao futuro das cidades brasileiras: a necessidade de um planejamento urbano que se ancore na paisagem e em seus processos ecológicos. A transformação de áreas verdes subutilizadas em parques multifuncionais, como o proposto, é uma estratégia potente para construir cidades mais resilientes.

O estudo de caso desta comunicação aborda uma pesquisa de mestrado profissional que segue em andamento. Entende-se que, ao identificar o potencial da área e propor uma intervenção qualificada, esta pesquisa oferecerá contribuição para o debate sobre o futuro da paisagem no cenário da cidade de Natal (RN). Este artigo, ao expandir a discussão e conectá-la a um referencial teórico mais amplo, busca reforçar a ideia de que a arquitetura da paisagem não é um mero adorno, mas uma disciplina central para o planejamento de cidades sustentáveis. O parque em Capim Macio pode ser o embrião de uma rede de conexões verdes que se espalhe por toda a cidade.

7 REFERÊNCIAS

- BENEDICT, M. e MCMAHON, E. **Green Infrastructure: linking landscapes and communities**. Washington, DC: Island Press, 2006.
- BERGER, Alan. 2006. Drosscape. In Waldheim, C. (ed). **The Landscape Urbanism Reader**. New York: The Architectural Press.

CLÉMENT, G. **O Manifesto da Terceira Paisagem**. 2004. Tradução por Lúcia Leistner. Disponível em: <<https://maisondeseditions.fr/tp/pt.php>>.

CONVENÇÃO Europeia da Paisagem, 2000. Disponível em: <<https://www.coe.int/en/web/landscape/text-of-the-european-landscape-convention>>. Acesso em: jul. 2025.

DEPRAZ, Samuel. Nature industrielle, espace protégé urbain: le dépassement des oxymores. In: BRUNO, Louise; LÉZY, Emmanuel (Dir.). **BiodiverCités**. Les aires protégées urbaines, des laboratoires grandeur nature. Éditions Le Manuscrit, Paris, 2012. p. 59-80.

ELMQVIST, Thomas et al. Sustainability and resilience for transformation in the urban century. **Nature sustainability**, v. 2, n. 4, p. 267–273, 2019.

FORMAN, R. T. T. **Land Mosaics: The Ecology of Landscapes and Regions**. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo Demográfico 2022**. Rio de Janeiro: IBGE, 2022.

JACQUELINE Osty, **Grand Prix de l'urbanisme 2020**. Entrevistadora: Ariella Masbounji. Paris: Min. da Ecologia e Territórios, 2020. 1 vídeo (12:10 min). Publicado pelo canal Ministère Écologie Territoires. Disponível em: <https://youtu.be/uPnzMaqpYmk?si=jTDmyqhtkYRW6u8E>. Acesso em: 02 jul. 2025.

MCHARG, Ian (1969). **Design with Nature**. Nova York: John Wiley & Sons, 1992.

MOTTA, Adauto Gouveia. **O clima de Natal**. São José dos Campos: INPE, 2004.

NATAL. Secretaria de Meio Ambiente e Urbanismo. **Natal em Dados – Sistema de informações. 2022**. Disponível em: <https://www.natal.rn.gov.br/semurb/sistemas-de-info>. Acesso em: 05 jul. 2025.

OLIVEIRA, Ana Rosa. Paisagens de resistência: práticas de sustentabilidade e conservação de biodiversidade. In: BATISTA, M. N.; SCHLEE, M. B.; BARRA, E.; TANGARI, V. (org). **A vegetação nativa, no planejamento e no projeto paisagístico**. Rio de Janeiro: Rio Books, 2015.

SOUZA, Itamar de. **Nova história de Natal**. 2ª ed. Rev. E atualizada. Natal: Departamento Estadual de Imprensa, 2008.

SEMURB. **Natal: Geografia e meio ambiente**. Natal (RN): Secretaria Adjunta de gestão ambiental, DAS/SEA, 2010.

SENNETT, Richard. **The public realm**. 2008. Disponível em: <https://intensificantvi desnervioses.wordpress.com/wp-content/uploads/2013/08/the-public-realm_-sennett.pdf>. Acesso em: 14 set. 2025.

SPIRN, Anne W. (1984). **O jardim de granito**. São Paulo: Edusp, 1995.

TARDIN, R. 2008. **Espaços livres: Sistema e Projeto Territorial**. Rio de Janeiro: Editora 7 Letras.

TSCHUMI, Bernard. L'infini des possibles. In: CORBOU, Michel. **Des jardins dans le ville**. Paris: La Martiniere, 2011.

UNESCO (ORG.). **Urban notebooks - newsletter of the World Heritage Cities Programme**. UNESCO, Outubro 2021. v. 17. Disponível em: <<https://whc.unesco.org/uploads/activities/documents/activity-1135-21.pdf>>. Acesso em: 14 jul. 2025.

VIEGAS, Renata Oliveira de Melo Costa. **Adensamento, verticalização e infraestrutura urbana: O caso do bairro de Capim Macio – Natal/RN**. 2018. 19 f. - Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Curso de Engenharia Civil, Centro de Tecnologia, UFRN, Natal, 2018.

YU, K. **The Art of Survival: Recovering Landscape Architecture**. Mulgrave: Images Publishing group, 2006.